

VISÃO DO CORREIO

Inflação e desemprego

Quem vai ao supermercado tem a exata noção de como o custo de vida disparou no Brasil. Não por acaso, pela primeira vez, os mais de 100 analistas ouvidos semanalmente pelo Banco Central passaram a projetar inflação de dois dígitos para este ano, mais precisamente 10,12% — um dado estarrecedor. Quando a carestia supera a barreira de 10%, recoloca-la novamente nos eixos exige um grande sacrifício para a população. As taxas de juros terão que subir muito além do desejado para conter o ritmo da atividade econômica, levando o país, inclusive, à recessão, com mais desemprego e menor distribuição de renda.

O descontrole de preços ocorre num momento já dramático. Desde o início da pandemia do novo coronavírus, a pobreza retornou com força. O Brasil voltou ao mapa da fome mundial. A taxa de desemprego, embora tenha caído para 13,2% no trimestre encerrado em agosto, é a quarta maior em um ranking de 44 economias elencadas pela agência de classificação de risco Austin Rating. O país só está melhor do que a Costa Rica (15,2%), a Espanha (14,6%) e a Grécia (13,8%). No geral, o desemprego no país é mais do que o dobro da média de 6,5% observada entre as nações avaliadas pela consultoria.

A guerra contra a inflação e o desemprego está longe de ser vencida. O Banco Central, que tem a missão de manter o custo de vida dentro das metas estabelecidas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) — neste ano, o objetivo é de 3,75% e, em 2022, de 3,5% —, dá sinais de ter perdido o controle das expectativas dos agentes econômicos. Nesse ambiente de desconfiança, as remarcações de preços se multiplicam. Para reviver os tempos sombrios de antes do Plano Real não é preciso muito. Basta que o governo insista na sua política desvairada de destruir o ajuste

fiscal com o único objetivo de reeleger o presidente da República.

Todos os alertas sobre os riscos embutidos na postura descompromissada do Palácio do Planalto com o controle das contas públicas foram dados. Bancos e consultorias revisaram as projeções de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) no próximo ano para queda de até 0,5%. As vendas do varejo, o consumo de serviços e a produção industrial vêm operando no vermelho há meses. Nem mesmo a proximidade do fim de ano, quando as fábricas costumam trabalhar a pleno vapor, está sendo suficiente para reverter o pessimismo.

Em vez de agir com rigor para reverter a carestia, o governo prefere de contentar com o discurso de que a inflação está alta em todo o mundo por causa da pandemia. Alega, inclusive, que esse é o preço a ser pago por causa do “fique em casa”, quando a ciência recomendou, acertadamente, o isolamento social para conter a disseminação da covid-19. Essa é a administração de Jair Bolsonaro, que, em vez de assumir suas responsabilidades, prefere empurrar o problema para os outros. A inflação realmente subiu no mundo, mas, no Brasil, está muito além do aceitável.

Inflação e desemprego afetam, sobretudo, os mais pobres. Portanto, a sociedade, como um todo, deve cobrar ações enérgicas do governo para que o crescimento econômico equilibrado, com mais produção, volte ao radar. Isso requer políticas consistentes, claras, além de reformas estruturais para melhorar o ambiente de negócios e a competitividade da economia. Não é com uma visão curtoprazista, mirando apenas outubro de 2022, que se conseguirá reverter a alta dos preços e ampliar a oferta de vagas no mercado de trabalho. Governar requer planejamento, equilíbrio e bom senso. Tudo o que está faltando para o principal ocupante do Palácio do Planalto.



» Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Orçamento

Pensando bem, é até bom que deputados e senadores estejam propondo um assalto ao trem pagador das despesas públicas ao incluir no Orçamento da União para 2022 a destinação de R\$ 5,7 bilhões para o Fundo Eleitoral. Até ser vetado pelo presidente Bolsonaro e reduzido para R\$ 2,3 bilhões, somados aos R\$ 1,1 bilhão do Fundo Partidário, dará aos políticos quase R\$ 3,5 bilhões para o financiamento da próxima campanha eleitoral de 2022. E por que é bom? Porque a explicitação de um abuso dessa natureza por parte das autoridades legislativas dá margem a que nos perguntemos se, afinal de contas, temos de pagar pelo que chamam de “financiamento da democracia”, mas que, na realidade, significa financiar as burocracias partidárias. Talvez seja uma boa hora esta agora para discutir se é o caso de o público pagante de impostos continuar dando boa vida a entidades de direito privado que se valem do dinheiro público sem entregar mercadoria de qualidade. Quando suas excelências radicalizam de lá, abrem espaço para que a sociedade radicalize de cá e, assim, se resolvam questões pendentes no cabide da inércia. Soa inconveniente a alegação de que é preciso “financiar a democracia”. Sem o dinheiro de pessoas jurídicas, proibidas de doar, por essa visão a saída é pôr a mão no bolso dos brasileiros. Ora, viabilizar financeiramente a realização das eleições é uma coisa bem diferente de sustentar partidos e respectivos candidatos. No primeiro caso, cuidar-se da montagem da estrutura de votação, apuração e fiscalização, obviamente tarefa do poder público. No segundo, francamente, o justo seria que cada legenda ou pessoa que se dispusesse a pleitear representação popular cuidasse de si. A proliferação de partidos no Brasil decorre exatamente dessa confortável tutela, algo comparada à dos sindicatos nos tempos do imposto sindical, que os faz se acomodar no lugar de suar a camisa, de ir à luta em busca do próprio sustento à maneira do cidadão que trabalha para custear as despesas da casa, do empreendedor que labuta para fazer prosperar o negócio. O raciocínio soa esquisito, radical, excessivamente idealista? Pensando bem, nem tanto, porque é a tal história bem antiga: só se estabelece quem detém competência para oferecer eficiência.

» Renato Mendes Prestes
Águas Claras

A fome

“Tem uma moeda aí, tio?”. É o clamor sofrido das ruas. Vindo de crianças, adultos e adolescentes. Mãos estendidas. Caixinhas e latas de leite compõem o cenário frio, humilhante, melancólico. Vozes trêmulas. Pés descalços. A fome anunciada

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Perguntar não ofende: os sistemas utilizados pelo PSDB e pela OAB nas eleições do fim de semana foram desenvolvidos pelos mesmos incontestáveis técnicos e especialistas que trabalham para o TSE?

José Airtton de Brito — Asa Norte

Bióloga Neiva Guedes que salvou araras-azuis da extinção é premiada pela ONU. Reconhecimento merecido.

José Matias-Pereira — Lago Sul

Coitado do povo cubano, que sofre com a ditadura. E há brasileiros querendo a volta da esquerda ao poder. Xô!

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

» Erramos

» Diferentemente do publicado, o nome do secretário-executivo da Frente Nacional de Prefeitos, autor do artigo Teremos um federalismo 4.0? (22/11, pág.11) é Gilberto Perre, e não Gilberto Perres.

pelos olhos tristes. É o Natal chegando. Significa esperança de ganhar algum trocado para comer. Quem sabe, um natal menor amargo e dolorido. As caixinhas também são vistas em balconês de lojas, padarias, lavanderias, papelarias e bancas de jornais. Embora empregados, ninguém se acanha, o dinheiro é curto. Caixas e latas marcam a linha da fome e da miséria. Chegam juntas, a fome não tem hora para chegar. Semáforos, estacionamentos, portas de bares, restaurantes e de lanchonetes, fazem das caixinhas e latas o porto da esperança. Esperando a caridade de bondosos corações.

» Vicente Limongi Netto,
Lago Norte

Decepção

No último dia 19, no *Jornal Nacional*, ao ver os esclarecimentos do vice-presidente da República, general Mourão, sobre o desmatamento da Amazônia, fiquei pensando: não teria sido melhor ele ter ficado de boca fechada, ao invés de culpar a população que mora naquela região? Eu considerava o general Mourão o contrapeso ao boçal do Bolsonaro. Creio que me enganei. Mas ninguém é perfeito.

» Joanir Serafim Weirich,
Asa Sul

Vingança

A letalidade da Polícia Militar, principalmente no Rio de Janeiro, deveria ser alvo de uma profunda e séria investigação. Há muito tempo, a PM fluminense deixou de ser guardiã da ordem e da lei, a fim de garantir a segurança da sociedade. Ela se tornou uma milícia vingativa, agindo como gangues, que se vingam de um grupo social quando um dos seus é morto no embate contra crimes. Nesse caso, a PM se iguala à marginalidade, aos criminosos de alta periculosidade. O que ocorreu no fim de semana na região do Salgueiro não deixa dúvida. Segundo a Defensoria Pública, pelo menos 14 pessoas foram mortas, entre elas três ou quatro meninas. Isso não se configura combate ao crime organizado, mas, sim, chacina premeditada. Até que ponto a PM é uma instituição indispensável à sociedade, quando age por vingança, por impulso e como executora da pena capital, quando nenhuma lei prevê a sanção extrema nem mesmo para os monstros que cometem penalidades gravíssimas, como estupro seguido de morte? Não tenho dúvida de que a ação será aplaudida pelo governo federal, incapaz — e não só os belicistas bolsionarianos — de estabelecer uma política de segurança pública para o Brasil.

» Antônio Jofre Braga,
Lago Sul



IRLAM ROCHA LIMA
irlam.rochabsb@gmail.com

Um Homem Carinhoso

Ao assistir, com interesse e admiração a *Pixinguinha — Um Homem Carinhoso*, filme de Denise Sarraceni sobre a vida e a obra do carioca Alfredo da Rocha Vianna Júnior — em cartaz nos cinemas da cidade —, me veio à mente o quanto o brasileiro cultua o genial compositor, flautista e saxofonista, que é tido como o pai da música popular brasileira. Ele não chegou a vir à capital, nem mesmo nos primórdios, quando, em históricos saraus no Catetinho, o presidente Juscelino Kubitschek se via cercado por grandes músicos, como o violonista Dilermando Reis.

Em compensação, o legado de Pixinguinha tem sido reverenciado em Brasília quando levado ao público de diferentes formas. Ele dava nome a um projeto que durante a década de 1970 e em parte dos anos 2000 trouxe para palcos locais artistas diversos — de Cartola a Zezé Motta, de Paulinho da Viola a Marina Lima, de Clementina de Jesus a Luiz Melodia — que fizeram shows memoráveis. Em junho de 1979, a Funarte promoveu a Feira Pixinguinha, com a participação de cantores e compositores candangos, entre os quais Renato Matos, Didi Milfont, Sérgio Duboc e o hoje cineasta Argemiro Neto.

Na maior exposição já realizada no

país sobre o autor de clássicos da importância de *Fale baixinho*, *Lamentos*, *Naquele tempo*, *Rosa e Urubu malandro*, ocorreu aqui, entre 27 de março e 6 de maio de 2012, nas instalações do Centro Cultural Banco do Brasil. Idealizada pela produtora Lu Araújo (que contou na montagem com o apoio de Marcelo Viana, neto do mestre), a mostra reuniu 800 fotos, objetos pessoais, instrumentos originais e documentários, entre outros itens. Uma das salas era dedicada a *Carinhoso*, o antológico choro, o hino à MPB, ouvido em diferentes versões nas vozes de Francisco Alves, Orlando Silva, Elizeth Cardoso, Elis Regina e Caetano Veloso.

O Dia Nacional do Choro é comemorado em 23 de abril, data de nascimento de Pixinguinha. Em 1997, quando da celebração do centenário desse imortal brasileiro, o seu riquíssimo repertório foi revisitado por alguns dos mais importantes instrumentistas brasileiros no primeiro projeto anual do Clube do Choro de Brasília. Hoje, quem vai à moderna sede da instituição, no Eixo Monumental, pode apreciar numa das paredes do Café Musical, um belo painel com a imagem do Homem Carinhoso, mostrado no filme, em traços do artista plástico Cipriano.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e.VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA Diretor Presidente		GUILHERME AUGUSTO MACHADO Vice-Presidente executivo	
Ana Dubeux Diretora de Redação	Paulo Cesar Marques Diretor de Comercialização e Marketing	Leonardo Guilherme Lourenço Moisés Diretor Financeiro	
Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes Editores executivos			
CORPORATIVO Josemar Gimenez Vice-presidente de Negócios Corporativos			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211 - Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associadospb@uaigga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ. Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalfri@uaigga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo — Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabrazil.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 508 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6267; E-mail: hmr@hrmmultimedia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exitto Representações — Rua Leonardo da Vinci, Quadra 214, Lote 1, C-2, Jardim Planalto — CEP: 74333-140, Goiânia-GO — Telefones: 62 3085-4770 e 62 3912-6119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
 Os serviços noticiários e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
 Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA			ASSINATURAS *
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
DF/GO	R\$ 3,00	R\$ 5,00	R\$ 755,87
			360 EDIÇÕES (promocional)
* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
DA Press Multimídia Atendimento personalizado para pesquisa em jornais e cópias: SIG/Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.			DIÁRIOS ASSOCIADOS DA
Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595. E-mail: dapress@dabr.com.br . Site: www.dapress.com.br			DA LOG
			Agenciamento de Publicidade